

ANIMATÓGRAFO

DIRECTOR-ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Nº 13 • 1$50



UMA LINDA SILHUETA DE NITA BRANDÃO

Nita Brandão, encantadora pela sua graça natural, o seu «charme» tão caracteristicamente português, e qne vai interpretar o papel de «Branca» em «Gado Bravo», quando em Paris fez a fotografia que ilustra esta página, Utudjan, o conhecido fotografo que tem visto desfilar no seu atelier todas as grandes figuras do cinema francês, teve esta frase, duplamente gentil para Nita: «Oh! Mais vous ressemblez énormement à Lili Damita... en plus jeune»

Na capa: GRETA GARBO

NÓS T.
GUARD

RAUL DE CARVALHO

primeiro galã do teatro português protagonista do filme "GADO BRAVO", diz-nos o seu entusiasmo pelo cinema



O actor Raul de Carvalho, de quem o tipo insinuante e marcadamente meridional levou o realizador Alberto Cavalcanti a preferi-lo para os primeiros papéis masculinos dos dois primeiros fonofilmes portugueses («A Canção do Berço» e a «Mulher que Ri»), realizados há anos na Paramount, vai agora continuar a sua carreira cinematográfica que tem todas as probabilidades de se tornar brilhante e duradoira, graças à direcção inteligente a que será submetida.

Raul de Carvalho, que é rialmente o melhor galã do nosso teatro actual, desejou sempre ardentemente dedicar a sua actividade artística ao cinema que, lógicamente, como homem do seu tempo, deve preferir, pelo menos inconscientemante, ao teatro.

Até agora, como êle próprio me disse ontem durante o intervalo do São Luiz, teve pouca sorte, apesar de a ter tido aparentemente. Aparentemente. porque não houve ninguém que não invejasse o nosso amigo, feliz escolhido para galã de dois fonofilmes da Paramount. Na verdade, se Raul de Carvalho tivesse adivinhado o resultado artístico das duas primeiras desgraçadas tentativas da Paramount, teria ficado muito contente se o tivessem esquecido. Raul de Carvalho convenceu-se de que o péssimo aproveitamento das suas qualidades fotogénicas e artísticas seria terrivelmente desprestigioso para o futuro.

*
* *

No tempo do mudo, Raul de Carvalho interpretou ao lado de Eduardo Brazão e Ema de Oliveira um filme produzido pela Pátria-filme que se intitulava «O Fado» e era inspirado num quadro de Malhôa com o mesmo titulo. Essa pelicula fez um grande sucesso naquêle tempo e Raul de Carvalho que fazia o papel do fadista agradou bastante.

Tambem Leitão de Barros quiz fazer com Raul de Carvalho um documentário evocativo da Torre de Belem. Chegaram-se a fazer fotografias do filme em projecto e publicaram-se algumas no «Noticias Ilustrado» em que o Raul aparecia formidavelmente vestido com uma cota de malha e um capacete de aço que fazia impressão. Mais tarde, Leitão de Barros quiz entregar a Raul de Garvalho a interpretação do Marialva na Severa. Esteve por um triz; mas depois, por uma questão comercial, por uma ex.gencia de cartaz, foi necessário contratar um cavaleiro tauromáquico encartado, cuja escolha caiu sobre António Luiz Lopes.

Mas desta vez Raul de Carvalho encontrou o lugar que merece no cinema português. A sua colaboração em «Gado Bravo», incarnando o rude ganadero Manuel Garrido, grande proprietário e cavaleiro tauromáquico, não pode deixar de ser uma notavel revelação.

Raul de Carvalno pediu-nos para agradecer publicamente, em seu nome, a gentileza dos seus emprezários Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro que concederam ao galã o tempo suficiente á sua actuação em «Gado Bravo».

Fazemo-lo de muito boa vontade, em nome de Raul de Carvalho e de H. da Costa.

Outra coisa de resto não seria para esperar dos dois ilustres emprezários, pessoas educadíssimas e inteligentes de quem o teatro português se orgulha justamente e para quem todos os companheiros de trabalho têm sempre as maiores expressões de elogio.

*
* *

Raul de Garvalho que já tem inumeras admiradoras, vai com certesa acender mais corações ainda. As portuguesas são românticas e sensiveis e como está provadíssimo que preferem os homens fortes e morenos, o sucesso amoroso de Raul de Carvalho, projetado no ècran com a maxima valorisação da sua pessoa, vai ser arrasante. O publico feminino dos cinemas, mais inflamavel do que qualquer outro, é o principal elemento de publicidade para um artista de cinema. O número de cartas que Raul de Carvalho receber depois da apresentação do filme será o mais claro presságio do seu futuro cinematográfico. Raul, meu caro Raul, trata de desenvolver o máximo calor da tua sedução...

Lembra-te que as opiniões das mulheres têm uma importância terrivelmente pesada. São elas que nos abrem o caminho da nossa vida e nos manteem o equilíbrio. Se não lhes agradares, estás perdido. Mas não deves ter mêdo.

Descança. Elas gostam de ti.

Não acreditas?

Vou de propósito telefonar a algumas cinéfilas conhecidas para lhes preguntar que opinião têm a teu respeito.

Está lá? — Dá-me Norte... (não ponho o número para evitar que os cinéfilos indiscretos telefonem sem mais nem menos para a Tininha).

— Faz-me o favor: a menina Tininha está?

— O quê? a menina Tininha saiu...

Que massada. Quem está ao telefone?

— Daqui é uma criada.

— Bom. Não faz mal, também serve. Diga-me uma coisa: que opinião tem você acêrca do actor Raul de Carvalho?

— O quê? Não percebi nada. Raul de Carvalho não mora aqui.

— Já sei. Não é disso que se trata. Eu queria apenas saber cá para uma coisa, o que você pensa do conhecido actor de teatro Raul de Carvalho.

— Não percebo o que é que o senhor quere. Não sei dessas coisas.

. . . .

Está? — Dá-me Norte...

E' a Rosabela? — Estás bem? — Sabes, telefonei-te de propósito para te preguntar o que pensas sobre o Raul de Carvalho. Gostas dêle, artisticamente ou fisicamente?

— Mas que pregunta essa... Que quere você que eu diga? Nunca pensei o que pensava do Raul de Carvalho. Para que quere você saber isso?

— E' para um artigo sobre o Raul de Carvalho. Tens de dizer alguma coisa. Eu suponho que és uma rapariga esperta, capacíssima de ter uma opinião.

— Assim de repente não sei. Eu gosto dêle, lá isso gosto. Acho-o bom actor mas nunca pensei nada de especial a respeito dêle.

— Pois é. As cinéfilas são todas as mesmas. Se o visses numa fita, a cavalo, todo fotogénico, ficavas a admira-lo mais, não é verdade?

— Talvez. Gosto mais do cinema, interessa-me mais. A minha geração...

— Já sei. A geração de celuloide... Afinal sem quereres deste uma opinião interessante. Como actor de teatro o Raul de Carvalho não te interessa dum modo especial, mas se o vires no «Gado Bravo»...

— Ah, pois claro. Já passa a interessar...

. . . .

(Conclui na página 17)



Allô! Allô! é o comissário Lohmann?...

O Testamento do Dr. Mabuse

VISTO POR António Lopes Ribeiro

Os rializadores de cinema podem dividir-se em dois grandes grupos: os que consideram o cinema um espectáculo convencional, onde a fotografia tem direito de veto, atropelando sem ceremónia a logica, e os que consideram o cinema um espectáculo humano, o mais poderoso imitador da vida, sujeito a leis diferentes do teatro, e tendo o homem, com o seu corpo e a sua alma, por *medida*.

Uns e outros têm razão. O cinema, arte que permite os mais amplos e arrojados vôos, instrumento fácil das mais fecundas imaginações, é também um admirável excitador de sentimentos humaníssimos, alquimistas de paixões violentas e sensações suavíssimas.

No cinema, como em qualquer outra manifestação de inteligência ou do espírito, os extremismos são prejudiciais. A fantazia e a realidade podem dosear-se num filme de tal forma que êle constitua realmente um espectáculo fantástico sem trair as leis que nos tocam de perto, fazendo vibrar a nossa humana sensibilidade. Contanto que obedeça às leis formais do equilíbrio, qualquer obra de cinema pode abordar os domínios transcendentes da imaginação ou debruçar-se sôbre os aspectos materiais da vida cotidiana. Tal é a pujança do animatógrafo, o seu título senhorial de arte animada e infinita sôbre as demais artes, estáticas e limitadas.

E' certo que o cinema, como as outras artes, pode ser vitima de corrupções. Diremos mesmo que em poucas se estadeia idêntica miséria de idiotiee de insuficiência. Mas alguns artistas verdadeiros conseguem reabilitá-lo, dando razão aos que por êle lutam como nós contra os que em vão procuram derraubá-lo da sua posição que é hoje omnipotente.

Um dêsses homens é, sem dúvida nenhuma, Fritz Lang.

Desde o seu primeiro filme — essa tão velha e já definitiva *Morte Cansada* — que o pintor alemão nos patenteou a mais cabal compreensão dos principios misteriosos do cinema e as suas ciclópicas possibilidades práticas. Poucos realizadores dominam com tanta segurança o aparelho de filmar, escolhendo para as suas obras a medida justa de proporcionamento e o sentido verdadeiro de espectáculo. Várias vezes dissemos que só sabemos de mais três: Eisenstein, King Vidor, Howard Hawks. O próprio Pabst, quer quando se entregava à soturna dissecação dos males do mundo moderno (ciclo que vai desde a *Rua sem sol* até à *Opera de quotro sous*, e que só nesta última atingiu a perfeição), quer na sua fase literária e comercial (*Atlântida e D. Quixote*), Pabst carregou sempre em demasia de tintas pessôais (o que não é condenável) mas demasiadamente obscuras ou indigestas os filmes que compôs. Uma excepção notabilíssima, que Eisenstein, mestre indiscutível, não desdenharia animar: *A Tragédia da Mina*. René Clair, que também procura êsse equilíbrio entre o convencional e o real, entre a fantasia e a verdade, evoluíu exageradamente duma para outra, estabelecendo um constraste flagrantíssimo entre o engenho vivo de *Paris que dorme* e o realismo morno de *14 de Julho*. *O Milhão* satisfez-nos em absoluto. Mas *O Milhão* é, na obra de Clair, uma surpreza que êle proprio se atreve a renegar...

Chaplin, êsse, é um extremista genial mas, em última análise, nocivo.

Fritz Lang também tem os seus *quês* — ó crítico exigente! —; mas e decerto o europeu de mais marcada personalidade cinematográfica.

Vimos agora, de Fritz Lang, *O Testamento do Dr. Mabuse*. O nosso fraco, tanta vez confesso, pelos filmes policiais, foi lisongeado pela visão duma obra tão vasta de sentido e tão rica de estilo. Thea von Harbou tem no *Testamento*, decerto, o seu melhor *drehbuch*, o seu *découpage* mais sòlidamente construído, sôbre uma linha que nada tem de inverosimil, mas que não obedece estrictamente ao condicionamento ordinário das existências vulgares.

O comissario Lohmann, Mabuse, o dr. Baum, Hoffmeister, o engenheiro Kent, não são criaturas que se confundam com o comum dos mortais. São *casos*, hàbilmente escolhidos, de inteligência e sensibilidade particulares, que chegam, por vezes, a tomar aspectos de super-homens, quer na prática do bem quer na do mal.

Mas todas são profundamente humanas, isto é: susceptiveis de emocionar os homens, mesmo sem o subterfugio de os enfileirar numa plateia-multidão organizada artificialmente por uniformisação de aspirações e ambiente.

Como todos os restantes filmes de Fritz Lang — mesmo os falhados como *Metropolis* — *O Testamento do Dr. Mabuse* é um formidável espectáculo de cinema.

Lamentamos as aparições, já fora de moda, de que usou e abusou, nem sempre da maneira mais feliz. Mas no filme sucedem-se com tanta freqüência as situações perfeitas de proposição e desenlace, os momentos de insinuante emoção, que elas se reduzem às proporções dum senão que não basta para tomar a obra menos bela.

Almada Negreiros quiz vêr no tema do filme, que é o mesmo da *Metropolis* — o dominio do mundo pela inteligência, a divinização do cérebro — uma alusão ao maior *condottieri* político do século: Lenine. A nós, que sabemos Thea von Harbou e Fritz Lang socialistas, repugna-

(Conclui na página 12)



Impossível fugir. O quarto está forrado com placas de aço...

As férias de ANIMATOGRAFO

Revista séria, feita para tratar a sério dos assuntos cinematográficos, «Animatógrafo» impôs-se o princípio de não encher as suas páginas de palhoça, sem interêsse jornalístico, quer como informação, quer como doutrina.

A época cinematográfica terminou. Com o verão, entramos nas reexibições habituais. As salas baixam os preços e, nem mesmo assim, conseguem atrair grande concorrência. Os cinéfilos, sem diminuirem o seu entusiasmo nem perder a aficcion, *são contudo menos assíduos à «missa» do claro-escuro...*

Esse esmorecimento reflecte-se nas revistas da especialidade que, falhas de assunto, se vêem *obrigadas a retalhar azeitonas e a encher páginas e páginas de laracha inútil.*

Muitas revistas estranjeiras chegam a suspender a sua publicação durante os meses de férias, de Julho a Setembro, reaparecendo em Outubro com a nova época.

Este ano há, porém, em Portugal dois acontecimentos que merecem a atenção das revistas de cinema: a realização da «Canção de Lisboa» e a realização de «Gado Bravo».

E' a primeira vez que em Portugal duas emprezas realizam simultaneamente dois grandes filmes.

Estas vão fornecer pasto abundante à ansiosidade cinéfila. Refastelados ao sol, na praia ou no campo, os amigos do cinema vão receber por intermédio de «Animatógrafo», novidades fresquinhas, documentação fotográfica sensacional, potins, *comentários etc., de tudo o que se passar no Ribatejo e na Quinta das Conchas.*

Mas tomámos importantes resoluções, atendendo às razões que acima expusemos.

Durante os meses de verão será alterada, excepcionalmente, a cadência da aparição de «Animatógrafo».

Assim, em Julho, sairão apenas dois numeros, a 10 e a 24. Em Agosto, publicaremos apenas um número extraordinário, com muito maior número de páginas, número especial intitulado:

O filme do campo e das praias

que será posto à venda em 21 de Agosto.

Nêsse número, que se destina a um grande êxito, o nosso colaborador Olavo d'Eça Leal fará uma originalíssima reportagem através das praias e termas portuguesas, surpreendendo em flagrante os cinéfilos veraneantes.

Será um verdadeiro embaixador de «Animatógrafo», armado da sua proverbial boa disposição e dum aparelho fotográfico em nada inferior. E porá em prática as suas funções de director do serviço volante do D. S. I., descobrindo *raparigas e rapazes fotogénicos, que ficarão à bica para entrar nos filmes do Bloco H. da Costa.*

Em Setembro, no dia 18, outro número especial intitulado:

Programa da nova época 1933-34

Nêle se fará o balanço completo da época 1932-33, sob os seus múltiplos aspectos, com curiosíssimas estatísticas, e se descreverão os filmes que os distribuidores projectam apresentar.

A partir do dia 2 de Outubro, «Animatógrafo» recuperará a sua cadência habitual, voltando a publicar-se todas as semanas.

Os assinantes não são de nenhum modo prejudicados por esta alteração, uma vez que continuam com o direito de receber igual número de jornais, isto é:

UM ANO	*52 NÚMEROS*
SEIS MESES	*26 »*
TRÊS MESES	*13 »*

Vêem, portanto, assim prolongado o praso da sua assinatura, sem mais despesas e continuando a gosar das mesmíssimas vantagens.

«Animatógrafo» prepara para a próxima época inovações e melhoramentos sensacionais, dispondo-se a confirmar o estribilho que adoptou e que se orgulha de propalar: ser a única revista portuguesa de cinema que é, de facto, uma revista de cinema.

Panorâmica

Luís de Freitas Branco

Aceitou o convite que lhe foi dirigido pelo Bloco H. da Costa, para compôr a música portuguesa necessária ao filme «Gado Bravo» o músico ilustre, Prof. Luís de Freitas Branco.

Professor do Conservatório Nacional de Música, do Liceu Normal de Lisboa, Presidente da Associação dos Músicos Portugueses, Luís de Freitas Branco é uma das mais categorizadas, senão a mais categorizada autoridade portuguesa em matéria musical. Inteligência aberta a todas as iniciativas arrojadas e a todas as manifestações de espírito moderno, Luís de Freitas Branco está desde a primeira hora ao lado da chamada música mecânica, em qualquer dos seus aspectos: fonografia, radiofonia, fonocinema.

Numa entrevista que deu brado, quando da apresentação em Portugal dos primeiros fonofilmes, afirmou com decisão e desassombro a sua simpatia, que não tardou em transformar-se em entusiasmo.

Sendo Luís de Freitas Branco uma das vítimas mais evidentes da causa da ópera portuguesa, não deixa de considerar a ópera tal como é realizada, mesmo nos melhores teatros do mundo (Bayreuth, as óperas nacionais de Berlim e Viena, a Academia de Música de Paris, a Metropolitan Ópera House de New York, o Scala de Milão...), uma fórmula antiga e contrária aos princípios do verdadeiro espectáculo musical.

— Só o cinema, disse-nos, pode apresentar sem ridículo o Cisne de «Lohengrin», o dragão de «Siegfried» e a cavalgada das Valquírias.

Cinéfilo, na acepção legítima do termo, Luís de Freitas Branco colabora desinteressadamente na realização do primeiro fonofilme português em que se reuniram todos os elementos de êxito, garantindo a sua perfeição técnica e artística.

A avaliar pela profundidade dos seus conhecimentos musicais, pela vastidão do seu reportório folclórico, pela sua grande cultura geral, pelo seu conhecimento íntimo da paisagem e costumes ribatejanos, pela maleabilidade segura do seu gôsto, a colaboração de Luís de Freitas Branco vai ser preciosa para «Gado Bravo» e para todos os filmes em que o Bloco H. da Costa projecta utilizá-la.

Os três nomes que assumem a direcção portuguesa da produção, são: António Lopes Ribeiro, autor dos diálogos e encenador, Luís de Freitas Branco, director musical, e António Botto, autor da letra das canções, impõem, tal como os dos técnicos estranjeiros, Max Nosseck, super-visor, Erich Phillippi, cenarista, Heinrich Gartner, chefe-operador e Herbert Lippschitz, arquitecto decorador, a mais absoluta confiança.

Alvaro Pereira

Foi contratado pelo Bloco H. da Costa, para desempenhar o papel de Pascoal no filme «Gado Bravo», um dos melhores nomes do teatro português, artista cujas composições cómicas lhe grangearam justíssima fama.

Pascoal é um antigo forcado, que um desgôsto de amor fez desdenhar das coisas da vida e que se entrega ao vinho e às cantigas.

Alvaro Pereira, que é, como Raul de Carvalho, um «furioso» pelo cinema e está interessadíssimo pelo papel, vai certamente marcar o seu lugar com mais uma bela composição.

Já podemos dar a distribuição completa dos primeiros papéis de «Gado Bravo»:

Nina	OLLY GEBAUER
Branca	NITA BRANDÃO
Manuel	RAUL DE CARVALHO
Jackson	SIEGFRIED ARNO
Arthur	ARTHUR DUARTE
Pascoal	ALVARO PEREIRA

Os segundos papéis serão, como já foi dito, interpretados por inscritos no D. S. I. (Departamento de Selecção de Intérpretes), organizado pelo nosso jornal.

Um concurso interessante

Uma revista americana organisou recentemente um concurso destinado a averiguar quais os filmes mudos que ainda não foram realizados em sonoro e falado. Surpresa geral, só se descobriram 36 que ainda não sofreram essa transformação definitiva. Quere dizer definitiva, antes que o cinema em relevo seja um facto e por consequencia bastante provisório.

Este numero de 36 filmes silenciosos ainda não passados a sonoro é decerto um exagero, e pela certa podemos afirmar que o algarismo representativo das películas ainda mudas deve ser muito superior.

O que entretanto é lícito desde já concluir é que essa tendência para a sonorização completa de todos os filmes silenciosos confirma inteiramente o que sempre afirmámos, a saber: que só o cinema sonoro é perfeito em tanto que arte.

Publicações

Do sr. Simão Sasportes, seu representante em Portugal, recebemos o numero de Julho de «Cinelandia», a explêndida revista americana editada em espanhol publicação tão conhecida já entre nós.

— Pela sua delegação no nosso país foi-nos enviado os dois últimos numeros de «Sparta», revista madrilena de espectáculo, que se apresenta com um belo aspecto gráfico.

Os nossos agradecimentos pela gentilesa das ofertas.

Alguns dos inscritos do D. S. I. vão entrar em «Gado Bravo»

Vai começar a funcionar o serviço volante

«Animatógrafo», que tem dêsde o seu aparecimento procurado interessar o mais possível os seus leitores, sente-se devéras satisfeito e orgulhoso até pelo êxito que obteve a sua mais recente iniciativa: o «Casting Bureau» que, como temos dito, se destina à selecção de intérpretes para os filmes da produção do Bloco H. da Costa, no primeiro dos quais, «Gado Bravo», entrarão já alguns dos inscritos no D. S. I. de «Animatógrafo». A prova do êxito alcançado está bem demonstrada no número dia a dia crescente dos seus concorrentes. Esse interêsse manifesta-se na fórma absolutamente significativa como os nossos leitores de ambos os sexos — são já relativaente numerosas as inscrições de senhoras — têm acorrido com tão evidente interêsse aos serviços do Departamento de Selecção de Intérpretes.

Como dissémos, é do D. S. I. que sairão os intérpretes para a futura produção do Bloco H. da Costa, incluindo já «Gado Bravo». Para êste filme, cujos primeiros papéis estavam já distribuídos á data da abertura do «Casting», vários concorrentes de ambos os sexos serão chamados a colaborar nêle, interpretando alguns dos segundos papéis da sua distribuição.

Dentre os inúmeros concorrentes inscritos no Departamento de Selecção de Intérpretes para os filmes do Bloco, serviço que êste incumbiu «Animatógrafo» da sua organisação, acaba de ser escolhido, depois de submetidas as respectivas fotografias dos já inscritos á apreciação das entidades competentes — os realizadôres Max Nosseck e António Lopes Ribeiro — o primeiro seleccionado que vai interpretar imediatamente um segundo papel de «Gado Bravo», cuja realização vai ser iniciada por toda esta semana. Chama-se Eduardo Lacerda êsse feliz concorrente tendo a sua inscrição no D. S. I. sido feita no segundo dia da inscrição de homens, quinta-feira 15.

Como tantos outros, Eduardo Lacerda de há muito que ambicionava tentar o cinema, não tendo, embora, concorrido nunca a qualquer dos concursos fotogénicos realizados entre nós, e que de fórma tão estrondosa têm falhado.



Eduardo Lacerda inscrito voluntàriamente no D. S. I. vai ser aproveitado para um papel do fonofilme «Gado Bravo». Tem, como estão vendo, um belo ar e um perfil que muito se aproxima do de Rod La Rocque. E' um jóvem desportivo, moderno e cheio de qualidades para a vida acidentada e encantadora que ambiciona. Max Nosseck e António Lopes Ribeiro, que já tiveram ocasião de vê-lo, profetizam-lhe êxitos interessantes. E «Animatógrafo» orgulha-se de ter contribuido, com os seus serviços, para o lançar na carreira cinematográfica

Foi êsse desejo irresistível que o levou a inscrever-se no nosso «Casting Bureau». E em tão boa hora que, poucos dias depois de ter feito a sua inscrição oficial, via por fim satisfeito um dos seus mais caros desejos: fazer cinema!

Não se julgue porém que Lacerda é o único que sairá do D. S. I. para aparecer em «Gado Bravo». Max Nosseck e António Lopes Ribeiro, que procederam a uma nova escolha entre todos os concorrentes até agora inscritos — êstes são submetidos á sua apreciação logo após a inscrição — escolheram mais alguns dos inscritos — homens, e senhoras tambem — cujas fotografias devem ser publicadas no próximo número de «Animatógrafo».

Como oportunamente dissémos, e agora repetimos, outros concorrentes serão escolhidos á medida que se forem inscrevendo, sendo na devida altura chamados a fazer parte do elenco de «Gado Bravo».

Por isso, se não querem perder uma oportunidade esplêndida de aparecer na téla, não devem deixar retardar a sua inscrição no nosso Departamento de Selecção de Intérpretes. Em seu próprio interêsse inscrevam-se o mais depressa possível.

Os serviços do «Casting Bureau», dirigidos pelo chefe da redacção de «Animatógrafo», dr. Felix Ribeiro, encontram-se abertos nos dias seguintes:

SENHORAS: 2.as e 4.as feiras, das 15 ás 18 horas na Secção Feminina do A. B. C. — 69, Rua do Alecrim.

HOMENS: 3.as e 5.as feiras, das 16 ás 19 horas na redacção de «Animatógrafo» — 61, Rua do Alecrim.

O Departamento de Selecção de Intérpretes está aberto á inscrição de todos. Absolutamente toda a gente está apta a inscrever-se pois que no cinema são necessários todos os tipos, todos os *emplois*, dêsde o galã e a ingénua ao cínico e ao cómico, passando pelo personagem de composição, a característica, ao mais estranho dos «extras».

Daí o ter toda a gente cabimento no D. S. I.

O preço da inscrição — 5$00 — dá direito, álem da possibilidade da estreia no cinema, a um retrato formato de bilhete postal, igual ao que fica arquivado, e a uma assinatura de «Animatógrafo» durante um mez, ou sejam quatro números. Os assinantes de «Animatógrafo» não pagam a importância da inscrição, ficando no entanto com os mesmos direitos e vantagens dos outros.

Os leitores da província que queiram fazer a sua inscrição no D. S. I., não têm mais que nos mandar uma carta, trazendo incluso um sêlo de 40 ctvs. para a respectiva resposta, endereçada ao Departamento de Selecção de Intérpretes — «Animatógrafo», 65, Rua do Alecrim, Lisboa. Imediatamente ser-lhe-há enviado um questionário, o qual, depois de devidamente preenchido nos será devolvido juntamente com uma fotografia formato bilhete postal e a respectiva importância da inscrição — 5$00.

* * *

Associado ao serviço fixo do D. S. I. existe também um serviço volante, dirigido pelo nosso camarada de redacção Olavo de Eça Leal, que passará a funcionar já na próxima semana. A brigada do «Casting» volante, cujos componentes estarão munidos duma credencial passada por «Animatógrafo» e visada pela Agência Cinematográfica H. da Costa, que os autorizará a exercer as suas funções, está apta a abordar quem quer que seja e convidá-lo a inscrever-se, devendo exercer as suas funções em teatros, cinemas, hoteis, restaurantes, parques de diversões, etc., como até na própria rua.

O serviço volante, como se disse, começará a funcionar já a partir da próxima semana.

O que fariam

as estrêlas se o cinema acabasse?

Por Ruth Tildesley



Se o cinema acabasse, Norma Shearer passaria de novo a ser «modelo» de desenhadores...

A ideia de que Hollywood possa abrir falência é decididamante absurda. Poderemos ter tréguas bancárias, impostos de cinqüenta por cento nos rendimentos, trabalhar sem receber, cheques sem cobertura, mas o cinema há-de continuar dê là por onde der.

Mas mesmo que o cinema acabasse e os estúdios fechassem, os actores sempre se haviam de arranjar.

Wallace Beery poderia ser piloto aviador, para o que já tem licença e um pequeno aeroplano. Ser lhe-h a fácil transportar passageiros de Los Angeles a S. Francisco; e demais, é um sport de que gosta.

Robert Montgomery escreveu já uma novela de tão grande interesse humano que a « Associated Press », para onde a enviou no último verão, lhe ofereceu um lugar permanente como repórter desportivo. « Bob » escreveu também algumas « novelas curtas » e tem uma peça em preparação.

Irene Dunne ensinou já anto num conservatório. Com o seu prestigio de estrela, poderia fàcilmente fundar uma escol , o que lhe seria decer o tão agradável como proveitoso. Mas é preciso notar que tanto os pilotos aviadores, como os escritores de novelas, ou como as professoras de canto não ganham qualquer coisa que se pareça, mesmo de longe, com os rendimentos de uma estrela de cinema.

Robert Montgomery nunca mais poderia comprar « poneys » para o « polo » com os rendimentos da sua nova profissão. Wallace Beery teria que ficar ainda por muito tempo com o mesmo aeroplano antes que podesse comprar outro. E Irene Dunne teria que se contentar com joias falsas. Mas todos teriam com que v ver.

As raparigas que sabem o que é vestir poderão de certo vir a ser excelentes modêlos, e apresentar verdadeiras creações.

Imaginemos por exemplo um estabelecimento suficientemente próspero para possuir ao mesmo tempo Kay Francis - considerada hoje a mulher que melhor ve te em Hollywood — Constance Bennet, Genevieve Tobin Norma Shearer, Joan Crawford ou Claudette Colbert para fazer a propaganda dos seus vestidos.

Kay Francis foi também secretária particular antes de ir para o cinema; mas afirmou que ser modêlo a interessara muito m is.

Constance, Genevieve, Claudette e Norma todas desenham os seus vestidos — e admitem perfeitamente que possam vir a ter que desenhar os das outras.

E de facto não é má ideia. Constance Bennett poderia fazer modêlos de « boudoir » ; Norma Shearer, fatos de passeio; Claudette Colbert vestidos de cerimónia ; Genevieve Tobin, fatos de desporto ; e uma grande firma ficaria decerto satisfeita de as possuir a todas. Gwile André já ganhou bastante dinheiro desenhando vestidos, antes de entrar para o cinema.

Carole Lombard desenhava modelos ; mas como encontrou o meio já muito ocupado, resolveu fazer decoração de interiores no que revelou o seu apurado gosto. Já deu as suas provas na sua própria casa e dirigiu outros planos de decoração noutras, mostrando-se perfeitamente apta para aquela espécie de trabalho.

Dorothy Jordan também estudou decoração de interiores e sempre gostou muito de semelhante profissão. Entretanto não deixará de ser conveniente recordar a Carole e a Dorothy que um decorador o mais que ganha são 100 dólares por semana, e que, assim, certamente teriam que reduzir muito as suas despêsas.

Lilyan Tashman, bastante conhecida pelo seu bom gosto, pode dirigir também trabalhos de decoração.

Edmund Lowe, que jogou foot-ball em Santa Clara, poderá dirigir ou ensinar este sport. O mesmo se pode dizer de Johnny Mack Brown.

Hollywood está cheio de artistas, como Lionel Barrymore — que obteve recentemente um prémio numa exposição de pintura por uma água forte que apresentou — Lawrence Grant, que é um excelente fotógrafo, etc. Alguns dêles terão apenas um estúdio e anunciar as suas novas aptidões.

John Barrymore costuma a fazer desenhos para um jornal de New-York. Hardie Albright era desenhador num jornal de Pittsburg. Jean Hersholt foi pintor e escultor antes de ser actor de cinema e conserva ainda todas as suas faculdades de artista. Douglas Fairbanks Junior publicou algumas novelas. James Cagney é uma autoridade em matéria de desenho e declara que fará gostosamente desenho comercial ou ilustrações de magazines. Harry Langdon trabalhou em pinturas de porcelana com muita ciência e gosto. Chester Morris também estudou arte durante algum tempo.

Todos os actores que forem artistas poderão chegar a ganhar 50.000 dólares por ano, mas nunca 5.000 por semana conforme alguns recebem no cinema. E' natural, entretanto, que êles se acomod m muito bem com o que ganharem.

Alguns como Douglas Fairbanks têm «ranchos» que lhes assegurarão uma vida repousada e desafogada. Este, no seu Rancho de Santa Fé, poderá fazer uma vida de grande senhor, como nos primeiros tempos os colonos da Califórnia.

Também possuem « ranchos » Gary Cooper, Joel Mac Crea, William Boyd, Victor Mac Laglen, Sally Eilers e Hoot Gibson, Clara Bow e Rex Bell.

Gary comprou o dêle apenas a três horas de distância de Hollywood, para poder matar saudades dêsse lugar predilecto. Afirmou que se sente um perfeito fazendeiro. Sally e Hoot já tiram dos dêles algum lucro. Clara demonstrou praticamente já que nêles se pode passar perfeitamente feliz durante muito tempo.

Nils Asther confidenciou a alguém que a sua maior ambição é negociar em antiguidades. William Haines também.

Walter Huston era engenheiro mecânico. Os engenheiros mecânicos não ganham porém mais que 200 dólares por mês.

Não há duvida que os actores teriam que comprimir muito as suas despesas...

Pode ser que Elissa Landi não ganhasse 110.000 dólares como ela afirma — mas é inegável que publicou já três novelas e acabou

(Conclui na página 17)



...e John Barrymore voltaria ao teatro e a fazer desenhos para magazines

Comentários:

TEATRO E CINEMA
DESENHOS ANIMADOS
FOTOGENIA

As artes são solidárias entre si; se uma se modifica ou se a razão mais forte de uma nova arte impera, todas são influenciadas.

Assim sucede presentemente com o cinema em relação ao teatro.

Nem por sombras desejo falar no número de espectadores que automàticamente, com a abertura duma nova sala, abandona o teatro; tão pouco dos actores que se afastam da ribalta por a considerarem demasiadamente restrita e pouco rendosa. Trata-se, de facto, principalmente de uma questão comercial — o que neste momento nos não ocupa.

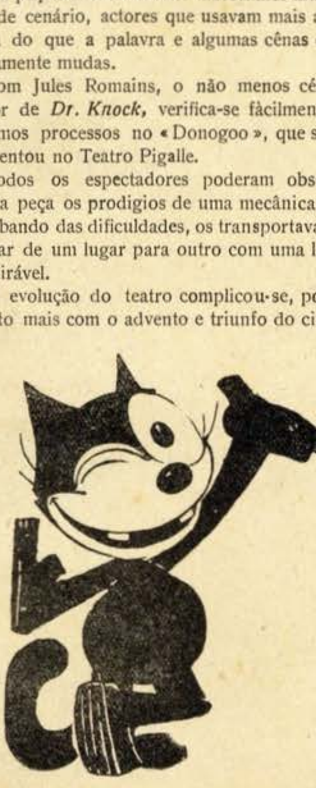
O ponto essencial que desejamos focar reside na circunstância de que a influência do cinema sobre o teatro transforma e modifica profundamente a técnica e o ideal do teatro contemporâneo.

A arte de decorador que era acessória, torna-se preponderante; o diálogo que os bons ou maus *canones* faziam difuso e explícito, encurta-se, quási desaparece por vezes. Há cêrca de três anos Henri Bernstein, o célebre autor de «La Rafale», fazia representar uma das suas peças, «Melo», no Teatro Ginasio de Paris. Nesta peça era fácil verificar incessantes mudanças de cenário, actores que usavam mais a mímica do que a palavra e algumas cênas completamente mudas.

Com Jules Romains, o não menos célebre autor de ***Dr. Knock***, verifica-se fàcilmente os mesmos processos no «Donogoo», que se representou no Teatro Pigalle.

Todos os espectadores poderam observar nessa peça os prodigios de uma mecânica que, zombando das dificuldades, os transportava sem cessar de um lugar para outro com uma levesa admirável.

A evolução do teatro complicou-se, porém, muito mais com o advento e triunfo do cinema sonoro. Não falo do desemprêgo a que reduziu-os músicos e os actores que, como Charlie Chaplin, não sabem aliar a arte da palavra à da música e á acrobacia. Isto é também uma questão comercial.



O cinema sonoro repercute-se doutra forma sôbre o teatro.

Os americanos inventaram recentemente um novo género.: a «opereta trepidante» que vem consagrar duma maneira definitiva o sucesso espantoso de «No No Nanette».

Para representar esta peça, como para fazer cinema sonoro, os actores devem mimar, falar, cantar, dansar e acrobatizar.

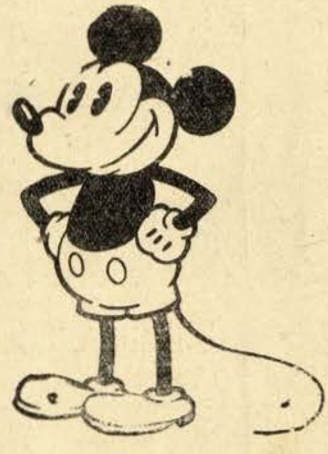
E' inútil apreciar este género novo — gôstos e côres não se devem discutir. Os etnólogos afirmam entretanto que no mais alto grau de todas as civilizações, como no mais baixo, a música, o canto, a dansa e a mímica aparecem sempre associados.

Antes da descoberta do cinema, os nossos antepassados conseguiam o espectáculo do movimento por desenhos animados que o representavam em fases sucessivas, e que era fácil fazer desfilar diante dos olhos com uma velocidade de 12 a 16 imagens por segundo. Assim, êsses diversos recortes de movimento, fundiam-se de tal forma que provocavam a ilusão do próprio movimento.

Vários brinquedos construidos segundo êste princípio existiram muito antes da descoberta do cinema. A sua inferioridade derivava de que os seus movimentos eram falsos, entanto que os do cinema são reais.

Voltamos hoje aos «desenhos animados»; o o seu creador Pat O' Sullivan, que morreu há pouco, imaginou projectar sobre o «écran» séries de imagens irreais fantasistas ao máximo e que por esta razão divertiram tanto quanto surpreenderam.

Os psicólogos, que em tudo metem o bedelho, aproximam as concepções dos «desenhos animados» às que realizamos em sonhos ou em estado de loucura. A nós afigura-se-nos que tanto o fisiologista como o alienista responderão a isto que nem o sonhador nem o demente conseguem uma tal incoerência, uma tal habilidade. Para obte-las é necessário a vontade reflectida de um artista, tão certo que semelhante actividade ultrapassa muitissimo os limites da nova intuição expontânea.



Agora se inicia a filmagem de desenhos animados coloridos que lhe vem dar ainda um acréscimo de irrealidade e fantasia, permitindo a sua utilização mais perfeita para a «charge» de certos espectáculos que só a côr pode dár.

Nesta ordem de ideias e sob outro aspecto, há ainda um novo filão a explorar: porque não haverá de fazer-se por êste processo tão interessante a representação das Fábulas de Fedro, de Lafontaine, etc.?

Depois do advento do cinema e do seu desenvolvimento e expansão, começou a falar-se em fotogenia e em pessoas fotogénicas.

Semelhante problema ocupa entretanto desde há muito a atenção dos homens de ciência que o explicam de várias maneiras.

Aceita-se em principio que tôda a gente emite um «fluido humano», «raios ultra violeta-orgânicos» que, é claro, como tudo que pertence à humanidade, varía de individuo para individuo. Assim há pessoas que têm um fluido humano mais forte: são os mais fotogénicos; outros que não são tão bem dotados e que quási não têm luz própria, se se pode dizer.

Tudo irradia. Com o nome de luz negra Gustavo Le Bon demonstrava antes da descoberta dos raios X e do rádio, que todos os corpos emitiam raios ultra violetas mais ou menos fortes e que sempre é fácil impressionar de raios ultra violetas uma chapa sensível.

Assim se explica a influência dos condutores de homens, dos homens do estado, dos «Raspoutines» das estrêlas de cinema e também de tantas acções sugestivas antigas e modernas e que nos fazem pensar nessas fôrças desconhecidas de que nos fala o professor Charles Richet.

A fotogenia é a saude evidente, afirma êste mestre da fisiologia.

A sua opinião é discutivel. O «fluido humano» tem sido procurado incessantemente por impressão fotogénica — a diferenciação profunda que existe entre certas pessoas e outras sób este aspecto força-nos, contudo, a aceitar o sua existência como um facto.

F. ALVES DE AZEVEDO



Comentário de vago azedume

Estou zangadíssimo, creia.

Não gosto da posição
Que você deu
A êsse corpo divino.

Acho-a forçada,
Talvez um pouco anormal,
E bastante figurino.

Gostava de a vêr
Mais cingida á rialidade.
O idealismo não dá
Sem a base indispensável
Dum pormenor de verdade...

Vê-se que sonha! —
Que palpita etèreamente
Nos espaços infinitos
Da quimera fugidia...

Não gosto de a vêr, não gosto,
—No vai-vem da fantazia.

Queria vê-la mais perto
Da carnal contradição
Que faz da vida um suplício
De coisas várias, — infindas...

E uma mulher quando quér
Busca posições tão lindas!

Não é que você não saiba
Procurá-las fàcilmente
E fàcilmente ficar
Dentro delas bem formosa!

Tanto mais que eu sei também
Que possúe o predicado
Raríssimo na mulher:
— Sim, eu sei: — não é vaidosa.

Mas, francamente, não queira
Repetir a brincadeira
De ficar assim de novo
Em outra fotografia.

Quero-a mais perto da vida,
Mais humana, mais vivida,
E se fui cruel,
Depois de ler estes versos,
— Francamente, — ria..., ria...

António Botto





E' uma cinecomédia de grande interêsse dramático, muito brilhante na sua contestura, realizada com primores de técnica e sendo a acção por vezes verdadeiramente empolgante.

Radiosa como um ceu aberto, todo o seu movimento que é variado e aprasivel se desenrola num ambiente de arte e de elegância; e a graça existe neste filme de tal maneira às mãos cheias, e é tão agradável que dà vontade de o tornar a vêr só para fixar melhor a finura do seu espirito.

A realisação de E. W. Emo é muito boa e a musica viva e alegre que Hans May compoz, é também muito feliz.

A interpretação a cargo da deliciosa Martha Eggerth, agora tão em evidência no cinema europeu, d› esplêndido cómico e famoso baritono Leo Slezak, Hans Brausewetter, e do magnífico actor que é George Alexander, resulta primoroso, o que dá um melhor realce aínda ao valor do argumento.

Numa viagem á Escócia, Fred Keler (Hans Brausewetter) conhece Evelyn Douglas por quem se apaixona e casam-se. Um tio dela (Leo Slesack), bastante sovina oferece-lhe no dia do casamento um colar de perolas falsas. Fred sabe que as perolas são falsas mas para não desgostar Evelyn não diz nada. Pouco depois partem para Berlim. Aqui reconhecem que têm feitios muito opostos e que dificilmente se poderão compreender. Fred interessa-se por automoveis; Evelyn pela música.

Um dia, enquanto Fred acompanha uma amiguinha, Molly, Evelyn vai tomar chá a casa de Helm Back (George Alexander) um amigo do casal. No regresso a casa Evelyn dá pela falta do colar e telefona

A NOIVA DA ESCOCIA

muito aflita a Helm Back pedindo-lhe para o procurar, pois não quere que o marido saiba o que se passa. Helm Back resolve comprar um colar (verdadeiro) e manda-lho como se fôsse o dela.

Passado tempo, numa recepção em casa de Evelyn e Fred, o colar parte-se e as perolas espalham-se pelo chão. Molly que está presente, mostra-se entusiasmada com a belesa das perolas e garante a Fred que são verdadeiras. Logo que os convidados partiram e o casal fica só, Fred quer saber quem ofereceu o colar, pois o que o tio lhe deu era falso. Evelyn ofendida pela suspeita do marido, telegrafa ao tio comunicando-lhe a sua resolução de se divorciar e anunciando-lhe o seu regresso. Ao receber este telegrama, o tio parte acto contínuo para Berlim para tentar reconciliar o casal desavindo.

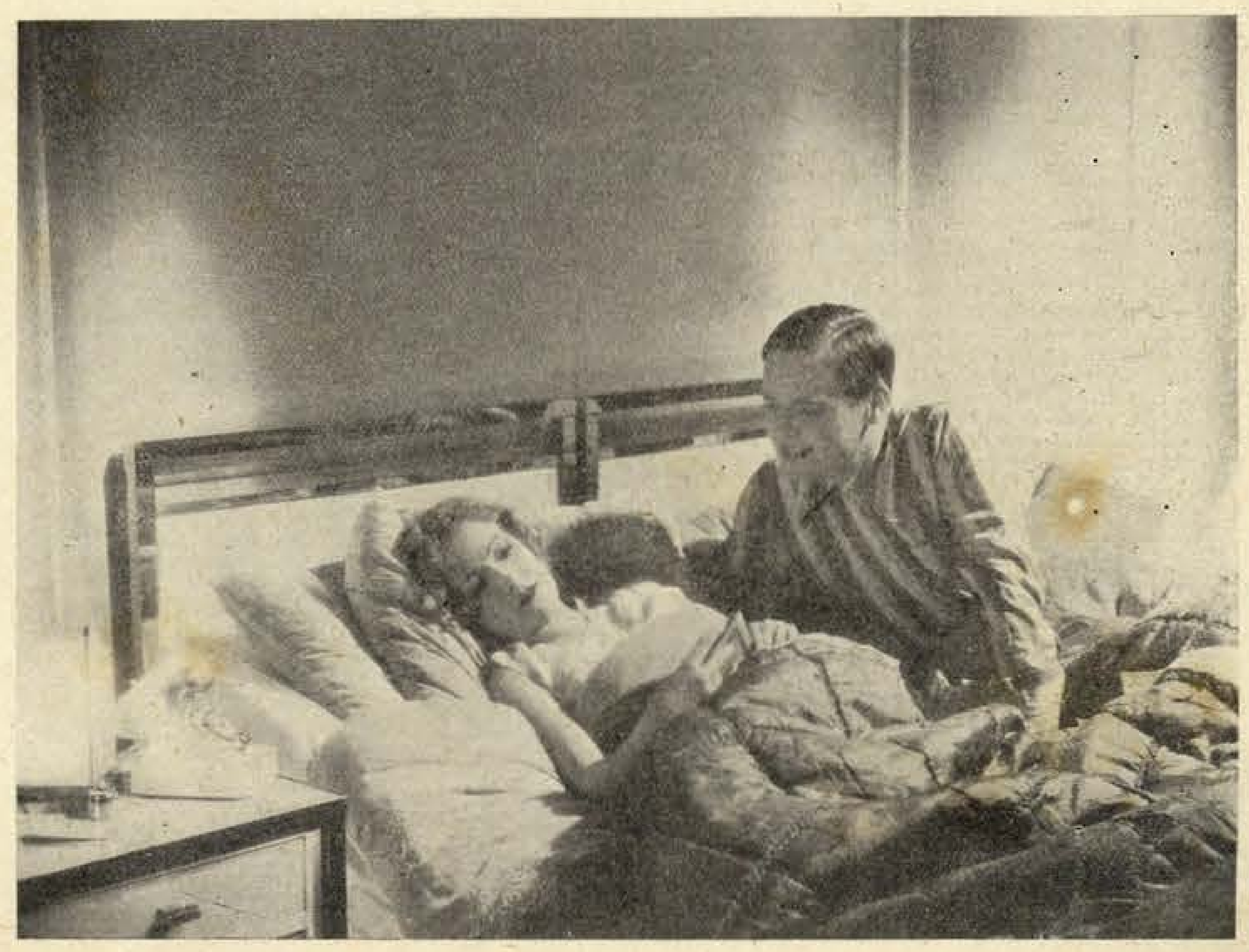
Helm Back encontra por fim dentro do piano, em sua casa, o colar, e telefona a Evelyn preguntando-lhe se prefere o original ou a cópia, que êle enviara. Respondo-lhe o tio de Evelyn, que já chegou, dizendo-lhe que irá buscá-lo êle próprio.

Fred que tem em seu poder o colar verdadeiro é que não se conforma com as alegações da mulher, resolve chamar um joalheiro afim de se certificar se as suas suspeitas são ou não fundadas.

O tio de Evelyn consegue substituir o colar autêntico pelo falso e quando o joalheiro chega declara que as perolas são falsas. O tio para sonsolar Evelyn oferece-lhe um colar verdadeiro. E Fred convencido da inocência da mulher perdoa-lhe acabando assim as desinteligências do casal.

A Noiva da Escócia que actualmente se exibe no Tivoli, é um exclusivo da Sonoro Filme.







TODA A CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER DIRIGIDA A *DR. CELULOIDE*, : : *R. DO ALECRIM, 65-LISBOA* : :

Correio dos Cinéfilos

HENRY GARAT DISFARÇADO. *Lisboa* — Satisfazendo o seu pedido enviei já a sua carta para *Sylvia Sidney disfarçada*, o mesmo que farei para *Lilian Harvey disfarçada*, logo que esta leitora me indique para onde devo endereçar. — A Lilian Harvey escreva-lhe para os Fox Movietone Studios, 1401 N. Western Av., Hollywood, Calif. — Para Annabella enderece para: 19, rue de Chanzy, La Varene-Saint-Hilaire, França.

FALSA MADONA. *Lisboa* — Não serei eu que discuta ou sequer lhe fale no assunto das suas preferências rácicas. Respeito absolutamente essa sua inclinação. — Artista negro trabalhando no cinema, presentemente só conheço Joe Alex, que tem aparecido em vários filmes franceses. Há pouco interpretou ao lado de Brigitte Helm o filme *A Estrela de Valencia*. Pode escrever-lhe para a U. F. A., Krausenstrasse 38-39, Berlim W 19 — Até breve. E não pense nessas hipotéticas maçadas, que não têm razão de ser.

F. L. CONRADO. *Arraiolos* — Em devido tempo comunicámos à Administração o seu pedido de assinatura. — Cumpre-nos agradecer-lhe a amabilidade do oferecimento que nos fez dos seus retratos, que arquivámos. — E para tudo que desejar saber estamos sempre às suas ordens.

MENINA DO HARMÓNIO. *Lisboa* — Acho espléndido, aprovando-o inteiramente, o facto de, como diz, ter abandonado a leitura de qualquer dêsses jornais de cinema. Foi uma ideia, essa sua, quási genial... — Clive Brook está de há muito sob contrato da Paramount; pode por isso escrever-lhe enderecando a sua carta para os Paramount Studios, 5451 Marathon Street, Hollywood, Calif. O galã escolhido para êsse filme, foi Manuel de Oliveira. E fica sabendo já que estamos sempre à sua inteira disposição para todas as preguntas que nos formular.

C. ROLANDO SILVA. *Caldas da Rainha* — Não ponho em dúvida o êxito dessa excursão; mas como é iniciativa que de forma alguma podemos patrocinar, desde já lhe dizemos que não pensamos em tal. Bem sabemos, pelo que nos diz na sua carta, que lhe causará um certo desgôsto. Mas o que quere? E'-nos absolutamente impossível dar satisfação ao seu desejo.

LILI KENT. *Ovar* — Não nos custa a crêr que êsse facto tenha acontecido. E' tão vulgar. Se êle até se dá nos grandes salões. Já vê que não lhe pode servir de exemplo... — Hoot Gibson é no seu género um artista com certo valor. Está agora sob contrato da Universal, emprêsa a que durante muitos anos já pertencera, anteriormente. Enderece a sua carta para os Universal Studios, Universal City Calif. — Nasceu em Tekemah, uma aldeiasinha do estado de Nebrasca, a 15 de Março de 1892. Tem o cabêlo loiro e os olhos azues. E' duas vezes divorciado: e primeiro, em 1922, de Helen Johnson agora há pouco, de Sally Eilers, artista da Fox. — Está satisfeita agora inteiramente a sua curiosidade? Fico supondo que sim... E até breve, Lili.

DR. CELULOSE. *Porto* — Só quem não passou por elas é que ignora o que é estudar no verão para exames. E' o pior dos suplícios. Por isso pode ficar desde já ciente que não levarei a mal. O que sinceramente lhe desejo é o bom êxito dos seus estudos — Concordo consigo. Esse filme é muito bom e Helen Hayes está nêle admirável. E' uma grande artista, das poucas que nêstes últimos tempos o teatro tem dado ao cinema. — Para *Gado Bravo*, a primeira produção do Bloco H. da Costa, foram filmadas já algumas cenas, devendo a *troupe* partir para o Ribatejo, esta semana. Temos a certeza que dado o interêsse do seu argumento e inegável valor do seu núcleo de colaboradores, *Gado Bravo* venha a marcar um lugar indiscutível no fonocinema português. — Segundo notícias fidedignas, o falado divórcio de Jean e Doug. não chegou a dar-se; o que de facto houve foi uma separação. No entanto parece que não será difícil uma reconciliação do simpático casal. E' o que deixam antever as novas de Hollywood. — Se bem que o seu desenho de Lewis Stone me parecesse melhor, o que agora me enviou julgo poder dizer-lhe que é de Janet Gaynor. — E como sabe já que leio com agrado as suas cartas, é inútil dizer-lhe que volte a escrever-me quando quizer...

GRANDE MÁGICO. *Viana do Castelo* — Era só o que me faltava entre os meus correspondentes: um mágico, e pelo que se vê, de alto lá com êle. Muito prazer em o conhecer, sr. mágico. — A razão por que não citei nessa lista o título desse filme foi simplesmente por dele me não ter lembrado. O filme era fraquíssimo e Alice Cocéa ia mal que era um gôsto ve-la... Muitíssimo pior que no *Gaiato do Meu Pai* — Ernest Lubitsch é um autentico valor; é dos melhores realisadores que trabalham nos estúdios americanos. — Tallulah Bankhead apareceu em Portugal além de *Ludibriada*, que cita, em *Casamento Singular*, e há muitos anos — em 1920 se não estou em êrro — como *leading-lady* de Tom Moore no filme *Cem dólares por mês*. — Faço o seu pedido na Posta Restante.

AUGUSTO PINTO ESTEVES. *Lisboa* — As duas principais intérpretes de *Raparigas de Uniforme* foram Dorothea Wieck, que personificava a jóvem professora M.lle de Bernburg, e Hertha Thiele na figura de *Maria*. — A razão de não publicação do seu desenho é, entre outras, o ter vindo a lápis. — Sempre às suas ordens.

JOÃO DE SOUSA. *Algueirão* — Pode mandar directamente à Administração a importância da sua assinatura. Imediatamente passará a receber a revista.

DIDI, A FADA DO BOSQUE. *Lisboa* — Com que então só pensa em cinema e em cinéfilos, hein? Veja lá se encanta alguns dos meus leitores; olhe que se isso se der, o Dr. Celuloide fica moralmente responsável por esse grave incidente. Veja lá se não tem juizinho... — As sogras, são na generalidade, uma espécie indesejável. Na sua carta diz-me que fará o possível, quando fôr velhinha, para ser antes sôgro, visto que estes têm melhor fama que aquelas. Ora é isso que eu não consigo perceber muito bem; como será possível essa transformação? Verdade seja que as fadas tudo conseguem. Daí por certo essa sua afirmação... — E' curioso; sem o mínimo esfôrço concordo com as suas preferencias; dentre os que me indica, admiro mais Mojica, Conrad Nagel e Harold Lloyd. São incontestavelmente melhores artistas que qualquer dos outros. — E agora adeusinho, simpática Didi; até à próxima.

DESILUDIDO E CANÇADO DE VIVER. *Foz do Douro* — O quê, tão novo e já com pensamentos tão tristes? Não seja assim. Faça por gosar a vida no melhor que ela possa dar. Faça como Janet em *Sonho côr de rosa: keep your sunny side up*, e deite as tristezas para traz das costas. Procure por fazer desmentir o seu tristonho pseudonimo. Mude-o, por exemplo, para *Satisfeito e cheio de alegria de viver...* — *Interferencia, Broadway, Vidas Tenebrosas*, são alguns dos filmes de Evelyn Brent. Para Barbara Kent enderece para os Columbia Studios, 1438, Gower Street, Hollywood, Calif. — A. L. R. agradece-lhe as suas palavras. — Quanto à sua última pregunta confesso-me que me esqueci de olhar para o calendário e de ver o relógio...

J. G. S. *Alcácer do Sal* — Não tinha razão para pensar assim. Sempre respondemos com a melhor boa vontade aos nossos consulentes. Para a artista que lhe interessa enderece para Winklerstrasse, Berlim-Grunewald. E' casada com Constantin Da vid, um enscenador alemão. *Ronny* e *Eu de dia e tu de noite* são os seus melhores filmes, segundo o nosso modo de ver. — Suponho que envia retrato.

UM HOMEM CONQUISTADOR. *Santarém* — Lilian Harvey ainda está nos Estados Unidos. Quem voltou à Europa foi Henry Garat. Daí, possivelmente, a sua confusão. — Escreva-lhe em francês, inglês ou alemão, para os Fox Movietone Studios, 1401 N. Western Av., Hollywood, Calif. — O contrato que assinou com a Fox é por três anos. Por isso, se não o renovar, dentro desse tempo, estará de novo na Europa. Retribuo o seu abraço.

UM APAIXONADO DE SYLVIA SIDNEY. *Coimbra* — A sua *deusa* continúa na Paramount, emprêsa a que, desde que deixou o teatro, sempre tem pertencido. Quem lhe impingiu essa? — O último filme que interpretou foi *Jennie Gehrardt*, extraído do romance homónimo do grande escritor americano Theodor Dreiser. — Escreva-lhe, enviando os indispensáveis 25 centimos de dólar, para os Paramount Studios, 5451 Marathon Street, Hollywood. — Na melhor das hipóteses, antes de cinco semanas não deve ter a resposta.

S. I. C. *Portalegre* — Então os chocolates continuam em florescente exploração? Presumo que sim. E' agora o entretem favorito dos cinéfilos da gêma — o indispensável Toblerone para a mastigação. — Concordo com a sua opinião; *Diabos do Céu* é um explêndido filme, em que a graça das situações se alia à perícia extraordinária dos *stunts* nas cenas aéreas, o melhor que sobre acrobacia no ar nos tem sido dado vêr. — O actor que indica é George Cooper, que por certo tem visto já em variados filmes. Tem uma esplêndida interpretação — Ann Dvorak foi a irmã de Paul Muni em *Scarface*. E' casada com o actor Leslie Fenton, que foi o intérprete na versão inglesa da *I. F. 1 não responde*, do papel de Jean Murat. — Escreva a Ann Dvorak para Warners-Firt National Studios, Burbank, Calif. Mande sempre.

JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO. *Pôrto* — Compreende; não me compete a mim dizer a essas pessoas o que me diz, e que acho absolutamente natural da parte delas. Porque não lhe escreve o senhor directamente, já que possue dados tão interessantes sôbre o caso? — Bem vê, eu no fundo não tenho nada com o assunto; não devo portanto meter o bedelho onde não sou chamado. Percebe agora? No entanto eu, se fôsse ao sr., não deixava de lhes fazer sentir essas trapalhadas todas. Ao menos ficava com a consciência tranquila... — E para tudo mais que lhe interessar, estou à sua disposição.

VÉNUS DA COSTA DO SOL. *Lisboa* — Por hoje, pois que como vê o espaço é mesmo à justa, não me posso alongar em considerações... Dir-lhas-ei por outro meio. O que lhe afirmo é que em face de *documentos comprovativos* continúo a manter inteiramente o que sempre lhe tenho dito. E para terminar dir-lhe-ei que a modéstia em demasia não é virtude... — Até breve simpática amiga.

DR. CELULOIDE

Posta Restante

GUSTAV, nosso leitor do *Cartaxo*, pede-nos para comunicarmos aos nossos outros leitores de que dará postais de cinema a quem lhe enviar postais com fotografias das regiões onde habitem. Escrever por intermédio do dr. Celuloide.

FALSA MADONA, de *Lisboa* desejava corresponder-se por nosso intermédio com o *Príncipe Negro*, pois, segundo diz, admira imenso a raça negra.

JOSÉ PACHECO DA GLÓRIA, Rua João Annes, 10 — *Evora*, compra fotografias de Henry Garat, Maurice Chevalier, José Mojica e Ramon Novarro.

GRANDE MÁGICO, de *Viana do Castelo*, desaja trocar correspondencia com leitoras de «Animatógrafo», sôbre qualquer assunto.

CRITICA

Chandu, o Fakir



(Chandu the Magician
de MAREL WARNEL e WILLIAM C. MENZIES

Este filme é, acima de tudo, um espectáculo de seguros méritos. Tem imaginação, imprevisto, mistério. E é, além disso, uma bôa realização cinematográfica.

O argumento é inenarrável. Mete fakires, magos, um inventor e os seus «raios de morte», complicações monumentais, insídias pavorosas, formidáveis habilidades de mágica, etc., etc. Concordamos que é um pouco demais. Mas souberam apresentar tudo aquilo engenhosamente, com fantasia e acêrto.

Marcel Varnel e William C. Menzies provaram muitíssimo bem com a realização desta pelicula. A êles ficou a Fox devendo que o *Chandu* não seja uma mágica reles. Porque serviram-se tão bem dos recursos cinematográficos, que conseguiram impôr o filme.

E isto não é banal. E' raro que um filme valha *principalmente* pela realização.

Tiveram uma bela ideia de só fazerem falar as figuras do filme quando era necessário, o que foi louvável, e fizeram melhor ainda: deram movimento à pelicula, movimento cinematográfico, do autêntico.

Alguns *trucs* cinematográficos são notáveis — executados primorosamente.

A interpretação, que nos filmes americanos costuma primar por excelente, é o ponto mais fraco da fita.

Edmund Lowe, o belo artista que nos tinhamos acostumado a admirar, tem nêste filme um desempenho infeliz. O seu fahir é, sem dúvida, a mais fraca interpretação da sua carreira. Nem parece o mesmo artista que criou o espantoso Barry do *Club 73*.

Nos outros papeis Irene Ware, Bela Lugosi, Herbert Muadin e Henry B. Waltchall.

Não se pode dizer que nos tivessem deslumlumbrado.

(Distribuído pela Gompanhia Cinematográfica de Portugal)

Vidas Intimas

(Private Lives)
de SIDNEY FRANKLYN

Deve ser espiritituosissima a comédia de Noel Coward donde tiraram êste filme. Noel Coward é um conhecido escritor ingles, autor da célebre peça *Cavalcade* que na época passada, fez furor em Londres e que acabam de adaptar ao cinema por forma tão feliz que o filme tem tido um exito retumbante. Maz vamos ás *Vidas Intimas*, que é o que importa de momento.

Dissemos que deve ser espirituosissima a comedia de Noel Coward adaptada por Sidney Franklin. Dissemos e repetimos porque o filme tambem o é, e já vão ver porquê.

Norma Shearer e Robert Montmery amaram-se e casaram. Passaram uma lua de mel inolvidavel mas pouco a pouco começaram a tornar-se mutuamente insuportáveis porque são dois grandes zaragateiros. Divorciam-se e ambos casam novamente, êle com Una Merkel e ela com Reginald Denny. Os novos conjuges dos recem-divorciados são bastante desgraçados e de reduzida inteligencia. O acaso faz com que os dois pares se casem no mesmo dia e reservem quartos no mesmo hotel de certa praia elegante. Mas o acaso foi mais longe: os quartos que lhes destinaram eram contiguos e para mais tinham ambos terraços, separados sómente por uma cúmplice fila de vasos com plantas. O inevitável deu-se.

Norma e Robert Montgmery encontraram-se no terraço, chegaram rápidamente à conclusão que ainda se amavam e fugiram sem perda de tempo, abandonando os respectivos noivos na própria noite de núpcias.

Começa então um longo *tête-à-tête* entre os dois, em vários lugares e principalmente num *chalet*, na Suissa, onde se refugiam. Assistimos assim a múltiplas passagens duma ternura transbordante para agressivas discussões, e por fim a uma verdadeira cena de pugilato, como dantes, exactamente.

Os dois esposos abandonados aparecem nessa altura, mas, apesar de tudo, nada ganham com isso porque, uma vez acalmada a tempestade, recomeça para os dois a lua de mel que certamente ainda hão-de interromper mais vezes.

Por aqui podem avaliar as poucas condições cinematográficas da comédia de que tiraram o filme. Pouca acção e muitos diálogos, intermináveis diálogos.

E, no entanto, o filme é também espirituosissimo.

E' que, se a acção é quási nula, as situações são sempre engraçadas, as cenas foram sempre ótimamente cuidadas e, se os diálogos são longos, nunca enfastiam, porque são de primeira qualidade e interpretados à maravilha. Evidentemente que quem os percebe diverte-se mais, mas quem não os entende não se diverte pouco, apesar disso.

E' raro aparecer um filme tratado com mais tacto, mais delicadeza e espírito. Sidney Franklyn fez o melhor que se poderia fazer. E Norma Shearer e Robert Montgmery interpretaram os seus papéis por forma inexcedível. Não se pode ter mais naturalidade, finura e graça.

Enfim êste filme veiu provar duas coisas:



Primeiro — que é possivel de uma peça de teatro fazer um bom filme: e

Segundo — que os diálogos compridos são absolutamente aceitáveis em cinema — embora a título excepcional — desde que não sejam idiotas e os intérpretes os saibam mimar.

Depois de vermos êste filme ficamos tendo três pessoas em ótima conta: Noël Coward. Sidney Franklyn e Robert Montgomery. Por Norma Shearer já tinhamos imensa consideração.

(Destribuido pela Metro Goldwyn Mayer Films)

O Presidio diverte-se

(Hold! em Jail)
de NORMA TAUROY

Robert Woolsey e Bert Wheeler são dois cómicos imensamente populares nos Estados-Unidos. Entre nós a sua popularidade não vai por aí além,



e isso explica-se porque poucas vezes aparecem nos nossos *écrans* Mas não estranhamos se um dia vierem a tê-la, apesar do *humour* que explo-

(Conclui na página 12)

Actualidades

Nós não temos a pretensão de esperar que levaremos alguem ao bom caminho — em matéria de «actualidades» . . . — com o que aqui escrevemos. Mas temos o direito de supôr que as nossas palavras podem ajudar a modificar-se um tal estado de coisas. Por isso todas as semanas aqui voltamos «à vaca fria» . . .

Os srs. exibidores não se querem convencer de que estão fóra da razão. Julgam que quaisquer «actualidades» servem, que o público não tem grande interêsse por essa parte do «espectáculo cinematográfico», que não distingue as «actualidades» velhas das «actualidades» auténticas.

Os srs. exibidores enganam-se, repetimos-lho mais uma vez. Os srs. exibidores nem sequer são capazes de imaginar que há gente que vai ao cinema só por causa das «actualidades». E no entanto essa gente existe. Podemos até contar um facto que há pouco se passou e que é significativo.

No fim do mês passado exibiu-se em certo cinema um filme muito fraco, de muito pouco interêsse. No mesmo programa podiam-se vêr umas «actualidades» bastante bôas: focavam alguns factos palpitantes do momento político europeu, factos êsses passados, quando muito, há quinze dias.

Pois bem; conhecemos várias pessoas que fôram a êsse cinema de propósito *para verem as «actualidades», sabendo de ante-mão que o resto do programa não prestava. Alguns até foram lá* só *para as verem, visto que saíram logo que acabaram. Quere dizer: houve pessoas, que têem tanto interêsse pelas «actualidades», que não se importaram de pagar um bilhete de um espectáculo inteiro para as vêr. E essas pessoas não eram nenhuns Cresus. Eram estudantes de escolas superiores, empregados bancários, advogados, médicos, etc.*

Este exemplo, quere-nos parecer, é bastante significativo.

Havemos de voltar ao assunto, mais espaçadamente.

Desenhos animados

Bruxas na Floresta — Babes in the Woods — *de Walt Disney — Foi verdadeiramente uma revelação para toda a gente a apresentação desta pequena obra-prima. Ninguém esperava que logo as primeiras tentativas fôssem tão perfeitas.*

De facto é espantosa a frescura das côres, a exatidão dos vários matizes, a correcção do colorido. Dizer tudo quanto ganham os desenhos animados com a côr, não cabe aqui. Basta frizar que a nova aquisição não os enriquece menos do que os sons.

Babes in the Woods *é uma pequena maravilha, produto da mais simpática imaginação e do gôsto mais seguro. Não acreditamos que seja possível animar melhor uma velha história, fazer renascer com mais felicidade um antigo conto. O que vimos, mercê do zêlo enorme da* Agência H. da Costa, *é uma coisa tão linda, tão idealmente linda, que até parece impossível que não seja um sonho.*

Gramática, Sintaxe & Ca. — School Days — *com a rã Flip—Uns bons desenhos, excelentemente executados. Mas precisavam de sêr mais engraçados. A's vezes não basta têr imaginação.*

Documentarios portuguêses

A Parada do 28 de Maio — *da Tobis Portuguêsa —Operadores Cesar de Sá e Dr. Wolhrab — Foi pena não terem procurado variar mais os planos do desfile porque o som está excelente. A fotografia não é impecável e para isso bastante contribuiu, segundo nos quiz parecer, a posição quási permanente da objectiva, em relação ao sol. No entanto o documentário vê-se com muito agrado, que não é só motivado pela curiosidade. O velho plano de conjunto, na zona do monumento aos Mortos da Guerra, continua a manter os créditos. Ainda está para lavar e durar ...*

Festa de S. Pedro na Ribeira Brava — *Globe Film) do Funchal — Operador Oscar Lomelino — O assunto é interessante e foi bem tratado nos moldes clássicos. A fotografia é bôa mas as tintagens que deram à película é que eram absolutamente escusadas. A certa altura uma legenda avisa-nos: «Sob o sol doirado do meio-dia . . .» e as imagens aparecem-nos tingidas de amarelo-canário, de estarrecer . . . Achamos preferível abandonar tal processo.*

Atracções

Legião Canina — *Realizado por Jules White e Zion Mayers — Um dos célebres filmes de cães da Metro Goldwyn. Não morremos d'amores por êles, porque não lhes encontramos graça nenhuma. Mas o grande público não é da mesma opinião. Este não é nem pior nem melhor que os outros.*

A ideia da Legião Estranjeira e das narrativas dos vários heróis não é de todo má, até!

Qual é a mais bonita lenda portuguesa?... O que há da famosa viagem a Berlim?...

O concurso de lendas portuguesas

H. da Costa, o português de Paris que tantas e tão notáveis coisas está fazendo no nosso meio cinematográfico, lembrou-se de utilizar alguma das mais curiosas lendas de Portugal como argumento para um fonofilme a realizar próximamente pelas relevantes individualidades do seu Bloco. Para isso encarregou a revista «Animatógrafo» de abrir um inquerito entre os seus leitores, o que já foi levado a efeito nos dois ultimos números da nossa revista, tendo sido escolhido um competentíssimo juri que se pronunciará oportunamente sôbre as respostas recebidas. O juri é constituído pelos principais componentes do Bloco e dum conhecido e notável crítico literário.

São êles:

H. da Costa
Madame H. da Costa
Max Nosseck
António Lopes Ribeiro
Francisco Alves de Azevedo

O grande inquérito organizado por «Animatógrafo» começa a interessar vivamente os seus leitores, pondo á prova as suas qualidades de trabalho.

O número de respostas recebidas até ao momento em que escrevemos estas linhas seria já uma suficiente compensação ás nossas espectativas se não contassemos com os retardatários.

Entre as respostas recebidas, algumas há que não estão dentro das condições estabelecidas nos números anteriores de «Animatógrafo». A principal exigencia que faziamos baseava-se no absoluto desinterêsse que nos mereciam as lendas conhecidíssimas e batidíssimas, que inclusivamente fazem parte das Histórias de Portugal oficialmente reconhecidas para o ensino des nossas escolas primárias.

Essas lendas, repetimos, não podem interessar-nos. Não nos valeria a pena abrir um inquérito para nos contarem a velha massada lírica da Raínha Santa que transformou o dinheiro em rosas para não excitar a colera do rei ferrabraz. Também não queremos a Nau Catrineta nem a narrativa doente do D. Sebastião desaparecido em Alcacer Quibir.

Queremos lendas verdadeiramente portuguêsas, localizadas em Portugal com personagens genuinamente portuguêsas mas que não estejam tão excessivamente vulgarisadas que tôda a gente as conheça.

Felizmente a maior parte dos leitores que responderam á nossa inesperada pregunta, compreenderam bem o que queriamos e enviaram-nos algumas curiosas lendas portuguêsas que, de facto, não conheciamos. Gostariamos de publicar uma ou outra para exemplificarmos exactamente o que pretendamos conseguir do nosso inquérito. Mas o jury é uma fera e não nos permite que satisfaçamos o nosso desejo.

Para que os leitores de «Animatógrafo» não possam sofismar as condições do nosso inquérito, incluimos a seguir um quadro explicativo que deve sêr seguido á risca pelos autores das futuras respostas.:

1.º — Uma lenda relativamente pouco conhecida.
2.º — A lenda deve sêr rigorosamente portuguêsa.
3.º — Deve ter suficientes pretextos para utilização de motivos portuguêses: danças, paisagens, canções, etc...
4.º — Deve ser contada num estílo sóbrio e conciso, não devendo a descrição ocupar um espaço superior a uma fôlha de papel dactilografada.
5.º — Deve sêr endereçada á revista «Animatógrafo» com a indicação *Concurso de lendas* escrita com letra bem visível sôbre o envelope.

Supomos que não haverá agora a menor dúvida sôbre as bases do inquérito.

Tratem de dar volta ao miôlo e de se habilitarem a algum dos três importantes prémios em dinheiro, oferecido por H. da Costa e que perfazem um total de mil escudos, distribuídos da seguinte maneira:

1.º prémio
500 ESCUDOS
2.º prémio
300 ESCUDOS
3.º prémio
200 ESCUDOS

O concurso da viagem a Berlim

Quem não assinou ainda «Animatógrafo» e não está portanto habilitado a ganhar uma viagem de borla a Berlim e um numero formidavel de prémios de consolação, já não pode perder muito tempo. Atrás de tempo, tempo vem e o sorteio do nosso concurso das viagens, embora tenha sido adiado, vai-se aproximando a passos largos do seu terminus.

O feliz assinante de «Animatógrafo» que tiver a sorte de se instalar numa primeira classe da C. P., vai apanhar os estudios da U. F. A. em plena «season», iniciando a sua vasta produção para 1934. O adiamento do sorteio teve afinal as maiores vantagens. Os concorrentes não perderam nada com a demora. Vá, leiam mais uma vez os prémios e assinem «Animatógrafo».

Segue a lista dos prémios:

1.º PRÉMIO: E' como se disse já, UMA VIAGEM A BERLIM com direito a uma hospedagem de 6 dias num hotel de 1.ª ordem, visita aos principais cinemas e monumentos da grande capital alemã, E AOS ESTUDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, a grande Cinelândia europeia.

2.º PRÉMIO: Um receptor rádiofónico «Stewart-Warner» circuito super heterodino modêlo 1933.

3.º PRÉMIO: UMA CAMARA DE FILMAR «ENSIGN» para filme de 16 milímetros.

MAIS DUZENTOS PRÉMIOS — Além dêstes três prémios de primeiro plano, haverá mais duzentos prémios de consolação.

Actualidades Mundiais

INFORMAÇÕES E NOTÍCIAS CINEMATOGRÁFICAS DE TODA A PARTE

Alice Brady

voltou ao cinema

Alice Brady foi, com Clara Kemball Young, com Alice Joyce, com Bessie Barriscale, com Dorothy Dalton e algumas outras, uma das maiores vedetas do cinema americano de ha doze anos. Ela possuia uma tão grande popularidade como a que gosam hoje Greta Garbo, Joan Crawford, Norma Shearer ou Marlene Dietrich.

Ora Alice Brady, de quem nêsse tempo vimos variados filmes, entre os quais o famoso *Frou Frou*, há muitos anos que abandonou o cinema. Últimamente porém, Alice Brady, que hoje conta cêrca de 42 anos, fez a sua estreia no fonocinema interpretando, ao lado de Ann Harding e Robert Montgomery *When Ladies Meet*, um filme da Metro. A pelicula foi recentemente apresentada, e em face do êxito pessoal justamente alcançado por Alice Brady, aquela emprêsa apressou-se a assinar com ela um contrato de longa duração para aparecer em novos filmes saídos dos estúdios de Culver City.

Barrymore

vai interpretar «Cyrano de Bergerac»

A figura de *Cyrano de Bergerac*, o heroi célebre de Edmond Rostand, foi já, ha-de haver uns dez anos, levada à tela uma vez pelos italianos, que vieram a França buscar Pierre Magnier, que no palco interpretara êsse personagem, para a criar no cinema.

Os americanos, que até agora nunca se tinham preocupado com êsse curiosíssimo personagem, lembraram-se há pouco de transpôr para a tela a figura do lendário personagem. No entanto, e com aquela sencerimónia que os caracterisa, não é própriamente a peça de Edmond Rostand que êles vão adaptar. Trata-se antes, duma versão *modernisada*, bastante livre, da obra daquêle autor e cuja acção decorre nada menos que durante a grande guerra...

E' a Rádio que vai realizar êsse filme, no qual John Barrymore interpretará o narigudo Cyrano.

Henry Garat

deixa inesperadamente a Alemanha

Como noticiámos, Henry Garat, que há algumas semanas — desde que a realização de *Adorable*, que ele interpretou para a Fox, empresa a que pertence, ao lado de Janet Gaynor — viera a França, acaba de chegar a Paris vindo inesperadamente de Berlim, para onde fôra contratado pela U. F. A. para interpretar a versão francesa do filme da produção de Gunther Stapenhorst *Valsekrieg* (A guerra das Valsas), para o qual tinha até interpretado já algumas cenas. Para o substituir nesse filme chegou a Berlim Fernand Gravey, o esplendido comediante francês que para a UFA interpretara já o delicioso filme que era *Eu de dia e tu de noite*, com Kathe von Nagy.

A Guerra das Valsas, opereta cuja versão francesa será dirigida por Louis Berger e supervisada por Raoul Ploquin, tem a sua acção passada em Viena e em Londres por volta de 1840.

O Cinema

é nocivo ás crianças

Uma comissão de 20 dos mais notaveis psicólogos americanos que, de há quatro anos para cá, trabalham num inquérito sôbre a influência do cinema na mentalidade das crianças, acaba de tornar público o resultado dos seus trabalhos, pelos quais afirmam ser essa influência perniciosa.

Esses psicólogos afirmam que os filmes actuais são contrários aos ensinamentos ministrados na escola. Segundo êles, o assunto dos argumentos dos filmes actuais comportando uma média de 29 por cento de amor, 27 por cento de crime e 15 por cento de *sex-appeal*, não são próprios para a mentalidade das crianças.

Esses cavalheiros afirmam que examinaram nada menos de 800 mil crianças antes que formulassem aquela conclusão.

Como se vê, os americanos continuam a ser uns tipos únicos...

Jan Kiepura

vai trabalhar nos Estados Unidos

Jan Kiepura, o célebre tenor polaco que o fonocinema conquistou e cujo filme *A Cidade do Canto* foi exibido entre nós, tem estado últimamente em Inglaterra contratado por uma das mais importantes emprêsas de Além-Mancha, a British Gaumont, para quem interpretou alguns filmes, o último dos quais, *Tell me to night* há pouco estreado em Londres, alcançou um êxito enorme, dos maiores que têm premiado filmes ingleses.

Kiepura, que é sem dúvida um dos mais populares cantores da Europa Central, acaba de ser contratado pela Universal por um período de cinco anos, esperando esta emprêsa que êle consiga alcançar entre o público de Além-Atlântico uma popularidade igual à conseguida por Maurice Chevalier. Jan Kiepura deve partir para Hollywood dentro de duas semanas.

Um novo filme

com Duvallès

Duvall's, o impagável cómico de *Dois num automóvel* e *Maré de Sorte*, acaba de interpretar *Tout pour Rien*, nêle tendo como «partenaires» Jaqueline Francel, Françoise Rosay, Monique Joyce, Anna Lefeuvrier, Alerme, Alcover, etc.

Os Fairbanks

vão aparecer num mesmo filme



Douglas Fairbanks e seu filho, Douglas Jor., o inesquecivel intérprete de *Patrulha da Alvorada*, chegaram a Londres a semana passada em viagem de recreio.

Os dois Fairbanks, de quem se disse que partiriam para o Oriente com o fim de interpretarem ambos um grande documentário exótico, vão afinal logo que voltem aos Estados Unidos aparecer pela primeira vez num mesmo filme, que não é mais que a segunda versão dum dos grandes exitos de Douglas Senior, *Don Q. filho de Zorro*, cujo argumento vai ser bastante modificado de forma a que Doug Jor. nele possa ter um bom papel.

Wallace Beery

vem à Europa

Wallace Beery, que presentemente está interpretando ao lado da grande actriz que é Marie Dressler o filme *Tugboat Annie*, logo que a realização deste filme esteja concluida partirá para a Europa em viagem de férias, devendo permanecer em Londres, que pela primeira vez visita, cerca de um mês. Wallace Beery que é presentemente um dos actores americanos mais bem pagos, é acompanhado nessa digressão por sua mulher e pela pequena Ann Carol, uma graciosa petisita que há tempos adoptaram.

Depois da côr

o relêvo

Pela notícia que num dos nossos últimos números publicámos, parece ter sido resolvido já, o mais satisfatóriamente possível, o almejado problema do cinema a côres, graças ao processo Nathan.

Ora uma das grandes preocupações dos inventores, além da côr, é a obtenção do efeito do relêvo no cinema.

Resolvido assim o problema da côr, o relêvo parece estar também agora em bom caminho. Louis Lumière, o extraordinário scientista de Lyon, que é sem dúvida, senão o inventor pelos menos o pioneiro do cinema, está trabalhando com ardôr na *mise-au-point* do filme em relêvo. Nêsse dia, que esperamos seja breve, o filme, que conquistou já o som e a côr, terá concluido a revolução na indústria do espectáculo.

Um inquérito

interessante

«Critique Cinematographique», o interessante corporativo francês, procedeu a um inquérito junto dos directores de cinema com o intuito de saber que genero de filmes e quais os artistas que levam mais público ás suas salas.

Se pelo que se refere aos filmes não foi possivel obter um indicio mais ou menos concludente, o mesmo se não deu com os artistas, permitindo assim o estabelecimento duma lista com os nomes dos de maior público. A' frente de todos acha-se o nome de Albert Prejean, seguindo-se-lhe imediatamente Lilian Harvey, Henry Garat e Raimu. Depois veem Greta Garbo, Charles Boyer, Jean Murat, Annabella, Gaby Morlay, Milton, Marlene Dietrich, Joan Crawford, Lucien Baroux, Victor Boucher, Fernand Gravey, Brigitte Helm e Florelle.

Flashes

■ Ben Turpin, o famoso «homem dos olhos tortos» das comédias de Mack Sennett, que se encontra há alguns anos afastado do cinema, acaba de abrir um restaurant em San Francisco da Califórnia.

■ Marion Davies, tendo concluído recentemente *Peg o' my Heart*, para a Metro, vai agora interpretar para essa mesma empresa, o filme *The Barrets of Wimpole Street*.

■ Dois milionários americanos, John Hay Whiteney e Cornelius Vanderbilt Whiteney, organisaram uma empresa para produção de filmes em côres. O primeiro, que se intitulará *Millionaire*, será dirigido por Merian C. Cooper um dos co-autores de *Chang*.

■ O scenário do novo filme de Wallace Beery para a Metro *Viva Villa* que descreverá a vida de Pancho Villa, que foi um dos chefes de estado do México, antes de ser iniciada a sua realisação, vai ser submetido à apreciação do governo mexicano.

■ Biscot, o comico francês que interpretou vários filmes para Gaumont, acaba de interpretar *600 mil francos por mês*, nêle tendo como *partenaire* Jean Aymé e Edmond Roze. A primeira versão, realisada em 1926, teve Nicolas Koline por protagonista.

■ Clark Gable, Jean Harlow, Dorothy Burgess e Stuart Erwin são os intérpretes do filme *He Was Her Man*, que Sam Wood dirige.

■ Jean Acker, que foi a primeira mulher de Rudolph Valentino vai estrear-se no cinema interpretando para a R. K. O. o filme *The Public Be Sold*.

■ Myrna Loy, cedida pelo Metro ao produtor Jesse Lasky, agora associado à Fox, vai ser a protagonista de *The Worst Woman in Paris*, que Monta Bell dirigirá.

TRAVELLING

A invasão do cinema francês pelos alemães

O meio cinematográfico francês, que não navega num perfeito mar de rosas, mostra-se inquieto e preocupado com a recente invasão de judeus há pouco forçados a sair do território germânico, em virtude da acção do actual govêrno alemão. O artigo que a seguir transcrevemos, dum jornal corporativo francês, dá bem idea do estado de espírito em que presentemente se encontram as gentes do cinema de além Pirineus. Sob os títulos de «Um caso que merece reflexão — Consequências imprevistas do antisemitismo hitleriano na Industria Cinematográfica Francesa» escreve-se:

Será possível que o cinema alemão sucumba em consequência dos seus melhores servidores terem passado a fronteira? Evidentemente que não. Os seus quadros foram imediatamente reconstituídos e preenchidos com gente nova, animada dum espírito entusiasta e tão formidàvelmente auxiliados sob o ponto de vista material pelos poderes públicos do Reich, que todas as esperanças lhe são devidas. Eles possuem a Fé que remove montanhas, sendo embora o seu caminho o mais suave possível. Ora, pelo contrário, é de temer que êsse exodo tenha consequências profundas sobre a nossa propria indústria cinematográfica . . . e sobretudo para aquêles que até agora eram os animadores e zeladores da sétima arte...

Recebemos já a visita tanto de ensceñadores francêses como de engenheiros, operadores, artistas, etc.

E todos nos manifestaram as mesmas inquietações. O alemão é empreendedor, é perseverante. O seu espírito de empreendimento imediatamente se manifestou, entre nós, por uma extraordinária actividade. Estão-se fundando sociedades mais ou menos camoufladas, *que vêem fazer concorrencia ás nossas, com resultados assegurados de ante-mão.*

Estamos longe de possuir um número considerável de estudios. Estes, não estando ocupados pelas sociedades francêsas cuja produção é, infelizmente, diminuta, serão alugados a quem mais der. Ora não custa nada a crêr que as maiores ofertas hão-de provir dos nossos emigrados. Não deixa de ser evidente, também, que o enscenador alemão, de posse do estudio se apressará a fazer trabalhar nêles os seus campatriotas e correligionários, o que afinal é aos seus olhos a coisa mais natural do mundo; os seus assistentes serão alemães; alemães os seus engenheiros, intérpretes, decoradores, operador, etc. Ora o que farão, então, os nossos nessa altura?

Só pelo que se refere aos operadôres, diremos que estabeleceram domicilio em França, até a data de 1 de Maio de 1933, nada menos que vinte e um cameramen. Eis pois mais 21 operadores que vêem juntar-se aos 103 operadores francêses, que vivem em plenas dificuldades pois que se encontram, na sua quási maioria, sem emprego.

O que se passa com os operadores sucede igualmente com todos os outros especialistas, dependendo do metteur-en-scène, *desde o primeiro assistente ao ultimo dos* maquilleurs. *Para onde vamos nós?*

Na Alemanha, um cinema nacional, regenerado por um afluxo de capitais novos e de energias impacientes por se revelarem.

Em França, um cinema pobre e anémico, prestes a ceder o seu lugar aos que eram já os seus mais terríveis concorrentes. Uma corporação inteira, que vivia para e pelo filme pregunta com inquietação: «O que se passará amanhã»?

Nós permitimo-nos formular, também igual pregunta!

G. GEORGES

Por absoluta falta de espaço



só no próximo número concluiremos o estudo sobre Harold Lloyd, que nesta interessante fotografia se pode vêr junto da esposa e da filha

CRITICA

(Conclusão da página 13

ram não ser muito susceptível de entusiasmar o nosso público.

Dos dois, o de mais vincada personalidade é Robert Woolsey, o que tem cara de pastor metodista e usa óculos à Harold. E' um cavalheiro muito senhor de si, que não perde as estribeiras fácilmente, tem a mania de se meter onde não é chamado e não tem papas na língua.

Para exprimir o espanto ou a aflição dá um grito característico e significativo. Tem qualquer coisa do à vontade e sem cerimónia de Groucho Marx, o dos bigodes e da labita — e com isto não pretendemos compará-los, evidentemente.

Bert Wheeler é bonitinho de cara, faz travessuras como uma criança e disparates como qualquer outro desageitado.

O cómico que exploram é simples: o desiquilibrio entre as atitudes e as circunstâncias. Um está demasiado à altura das circunstâncias, outro nunca está à altura delas.

Este seu filme pode considerar-se, sem favor, um bom filme cómico. Não lhe fazia mal nenhum um pouco mais de fantasia, mas assim como está já não está mal.

Há momentos verdadeiramente engraçados, *gags* excelentes, situações cómicas bem achadas. O *clou* do filme é o desafio de *rugby* — e hão-de concordar que é preciso que tenham inventado muita coisa nova para conseguirem divertir-nos com um desafio de *rugby*, assunto já exploradíssimo por quantos cómicos há. Aí, os *gags* não têm nada de extraordinário, a seqüência é que é tal que não pode deixar de provocar o riso.

Nêste filme muitos efeitos cómicos foram conseguidos pelo contraste entre a urbanidade e a fleugma de Robert Woolsey e a irascibilidade de Edgar Kennedy, o famoso «homem de mau génio», que tantas vezes temos visto contracenando com Harold, Laurel e Hardy, Charles Chase e outros. E' um artista que admiramos. Ninguêm, como êle sabe traduzir a «cólera impotente», a «cólera mal contida», as «explosões de cólera», todos os estados da cólera, emfim.

(Distribuido pela Sociedade Ibérica de Construções Eléctricas)

Domingos Mascarenhas

O Testamento do Dr. Mabuse

(Conclusão da página 12)

nos acreditar na intenção. Mas a verdade lá está, patente em inúmeras imagens.

O próprio público chega a sofrer êsse domínio, quando o dr. Baum faz, perante o cadáver do louco e o charuto de Lohman, a apologia de Mabuse. Nunca mais poderemos esquecer aquele plano—um bravo ao operador Fritz Arno Wagner pela escolha exacta das objectivas! — em que o alienista diz, com as veias da testa hipertrofiadas, aquela frase que começa assim:

—Diese phenomenäles Gehirn...

Toda a interpretação é espantosa. Só nos filmes americanos se encontra habitualmente a mesma certeza na escolha de tipos e na actuação dramtáica. Otto Wernicke, Oskar Beregi, Gustav Diessl, Theodor Loos, Karl Meixner, Rudolph Schundler — todos impõem de autoridade *O Testamento.*

E impressiona saber que foram gastos quási dois milhões de marcos para fazer um filme em que, aparte um incendio duma fábrica e a explosão dum quarto inundado, nada há mais onde se *veja* o dinheiro.

A prodigalidade de Fritz Lang está na razão directa da sua competência profissional e da sua envergadura artistica. *O Testamento do Dr. Mabuse* é um filme que nenhum verdadeiro amigo do cinema pode deixar de ir ver nem de admirar.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

O que fariam

as estrêlas se o cinema acabasse?

(Conclusão da página 7)

lim. Roland Young escreveu um volume de «sketches» em verso intitulado «Não é para Crianças» que obteve um grande êxito. Will Rogers fez uma bela vida com o jornalismo.

Leslie Howard e Richard Dix trabalharam em bancos. Pode ser que com a sua prática de manejar com grandes quantias eles venham a ser milionários.

Clark Gable poderá escolher entre as profissões de destribuidor de gazolina e reparador de automóveis. Maurice Chevalier foi aprendiz de carpinteiro e de electricista.

Louise Closser Hale, a esplêndida característica, escreveu dez novelas e publicou muitas histórias em magazines. Clive Brook era jornalista e fez várias novelas curtas; e George Arliss conseguiu com as suas obras grandes êxitos de livraria. Wera Engels—que é filha do comandante do cruzador Emden, torpedeado durante a guerra depois de um cruseiro heroico—além de ter sido bastante aplaudida como novelista, tem agora um contracto com um jornal de Hollywood e com um jornal de Beruma outra. Também compoz a canção que cantou na peça «The Masquerader».

Norman Foster escreveu algumas peças que foram representadas. Leslie Howard é, além de esplêndido dramaturgo, autor de histórias para magazines literários, tal qual como Douglas Fairbanks Jor., Constance Bennett, etc. Estes dois últimos são poetas, também.

Buddy Rogers, Lew Ayres e Jimmy Durante — o narigudo — poderão encontrar fàcilmente trabalho em orquestas de Jazz. Johnny Weissmuller e Buster Crabbe poderão ser excelentes instructores de natação, assim como Eleonor Holm — campeã das últimas olimpiadas — poderá também ser uma óptima instructora. Richard Arllen seria também um bom instructor de natação. Joe E. Brown poderá jogar nos campeonatos de base-ball. George O' Brien que foi campeão de box da Marinha americana, poderá ensinar a nobre arte. Barbara Stanwyck poderá voltar a ser telefonista.

George Brent poderá fazer aviação se o cinema falhar. Para alguma coisa lhe devem servir os raids de 50.000 milhas que já tem feito. Ruth Chatterton, que não sabe fazer mais nada senão representar, poderá viver a expensas de George Grent — sêu marido.

Ben Lyon e Richard Arlen serão outros actores que poderão ganhar dinheiro com a aviação.

Se Frederic March não quizesse voltar à actividade bancária — encontraria fàcilmente trabalho na casa Morgan — poderia fazer fotografias para magazines. A Neil Hamilton será fácil fazer o mesmo.

Dorothy Wilson que ainda há pouco saiu de um lugar de estenógrafa, poderá voltar a ocupá-lo.

Também Janet Gaynor e Ana Harding poderão voltar às suas actividades de secretárias e dactilógrafas, apesar de nem uma nem outra gostarem hoje de escrever á máquina. Além de que as estenógrafas, como as dactilógrafas não ganham mais de 35 dólares por semana.

Marie Dressler pensa que se tudo falhar, poderá ser uma excelente cosinheira. Quem alguma vez tenha provado os seus saborosos petiscos reconhecerá que não se trata duma vaidade injustificada. Poderá ganhar 45 dólares por semana.

Warner Baxter vendeu automóveis em tempos que já lá vão. Greta Garbo foi modêlo duma casa de modas.

Charles Laughton teve um cartório em Londres.

E' verdade que nem a cosinha, nem os negócios de seguros, nem os modêlos, nem os cartórios dão mais de 65 dólares por semana e nesta ordem de ideias, com que dinheiro comprariam as estrêlas os seus «cotages» na montanha e na praia, e fariam as suas viagens à Europa?

Entretanto é sempre agradável ter a certeza se ter a possibilidade de ganhar dinheiro para viver.

Bébe Daniels planeia dar uma serie de concertos por toda a Europa. Cantará em Inglaterra, França, Espanha o que lhe será fácil por que fala as três linguas. Fixará por último residência em Espanha, pais que muito aprecia.

Ramon Novarro fará o mesmo, assim como Jannette Mac Donald e Doris Kenyon, pois todos sabem já o que são concertos.

John Boles poderá igualmente ganhar a sua vida com concertos e «tournées».

Marlene Dietrich e Betty Compson foram violinistas. Poderão também votar á antiga actividade musical.

Outras estrêlas há, porém, que não têm a vida tão fácil e que desejam várias coisas.

Warren William gostaria de ser engenheiro naval. Edward S. Robisson acha a vida de professor o ideal. Spencer Tracy julga-se com competência para vir a ser um inteligente creador de cavalos.

Prasa a Deus que consigam arranjar dinheiro para realizar todas estas ambições.

Se o cinema falhar, afirma Harold Lloyd, a única coisa que poderia fazer é «magia».

Entretanto é verdade que também há muitas raparigas casadoiras que poderão, se os tempos se fizerem mais difíceis, desta maneira encontrar noivo.

Como se vê, jàmais os actores morrerão de fome!

RUTH TILDESLEY

RAUL DE CARVALHO

(Conclusão da página 3)

... Quem fala? — Faz a fineza de chamar a menina Maria Augusta ao telefone?...

— A menina está no banho. Faz o favor de dizer quem fala. A menina Augustinha não vem ao telefone sem saber quem fala...

— Não preciso de lhe dizer. Vá simplesmente preguntar à menina Augusta se gosta do actor Raul de Carvalho.

(Pausa relativamente grande)

— Está? Olhe a menina Maria Augusta diz que gosta imenso do sr. Raul de Carvalho mas que não sabe pensar dentro da água. Deseja mais alguma coisa?

Não, não, já chega. Agradeça muito à menina Maria Augusta. Muito boa tarde.

Como vês Raul amigo, precisas de fazer um bom filme para obrigares as raparigas a pensarem coisas definitivas a teu respeito. Elas têm a febre do cinema. Faz-lhes a vontade e aproveita.

P. G.

ANIMATOGRAFO ANO I NÚMERO 13
Lisboa, 26 de Junho de 1933
PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS
Director: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — Secretário da Redacção: FÉLIX RIBEIRO — Editor: JOÃO PEREIRA E SOUSA
Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65—Impressão:—Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa—Gravuras de BERTRAND IRMÃOS
Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL ABC, Ltd. — TELEF. 2 1276 — Publicidade a cargo de HUMBERTO BORGES DE CASTRO
ASSINATURAS: (Continente e Ilhas) — Três mêses, 16$00 — Seis mêses, 31$00 — Um ano, 62$00. (Para os assinantes, cada número custa sòmente 1$20)
ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA — Preço 1$50



WALLACE BEERY E' UM GRANDE GULOSO

Wallace Beery não teme a gordura. E' talvez o unico artista do cinema americano que pode, impunemente, almoçar e jantar como qualquer simples mortal. Gósa dessa faculdade, verdadeiramente rara em Hollywood, de comer de tudo o que lhe apetecer, rindo-se das famosas dietas impostas á gente do cinema para evitar o inestético «embonpoint». Vêem-no nesta fotografia preparando-se para saborear gulsoamente um rico manjar



MARY CARLISLE É UMA RAPARIGA SIMPÁTICA MAS EXCESSIVAMENTE PROVOCANTE. MOSTRA AS PERNAS A TORTO E A DIREITO E DEPOIS QUEIXA-SE QUE O REALIZADOR É UM DESCARADÃO. JÁ GANHOU VÁRIOS PROCESSOS DE INDEMNIZAÇÕES POR FALTAS DE RESPEITO EXERCIDAS POR TERCEIROS SOBRE A SUA GRACIOSA PESSOA. EM PORTUGAL PERDIA OS PROCESSOS TODOS...